

FELÍCIO, C. B. de F. (Org.). *Filosofia: entre o ensino e a pesquisa. Ensaios de formação*. Goiânia: Edições Ricochete, 2012.

Marcelo Senna Guimarães\*

Interpretar ou transformar o mundo? Pesquisar filosofia ou ensiná-la? Será possível ensiná-la sem pesquisá-la? O que é preciso pesquisar para ensinar filosofia? O que é ensinar, o que é filosofia? Quiçá, interpretar e transformar, quando a interpretação é ação e gera efeitos, a linguagem, a palavra faz, além de dizer.

O livro é uma coletânea de artigos de professores e licenciandos que mobilizam, com preocupação e cuidado próprios da academia, textos, autores e conceitos filosóficos para pensar questões relativas ao ensino, à aprendizagem e ao exercício da filosofia e do pensamento. O conjunto de ensaios aborda pensadores contemporâneos como Schopenhauer, Nietzsche, Foucault, Deleuze, Arendt, Heidegger, Agamben, acompanhados por outras referências filosóficas e literárias. Diversos temas, como os da biopolítica, da governamentalidade, do cuidado de si, da formação de si, da singularidade, da interdisciplinaridade, da leitura e escrita do texto filosófico, do cinema e do pensamento são articulados com o ensino de filosofia.

Esse trabalho é uma consolidação do resultado de dois anos de associação da licenciatura de filosofia da Universidade Federal de Goiás (UFG) com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), nos anos de 2009 a 2011. O PIBID na área de filosofia é uma novidade significativa e positiva no campo da discussão e da atuação no

---

\* Professor de filosofia no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro. Mestre em filosofia e doutorando em educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). *E-mail*: klynamen@gmail.com

ensino de filosofia, em várias regiões do Brasil. Ao aproximar licenciandos, professores de ensino médio e professores de universidades, permite o encontro de três condições de estudo e atividade filosófica e vem rendendo bons frutos, como a publicação, em meios impressos ou digitais, de textos didáticos, traduções, artigos, além da descrição e realização de experiências diversificadas nas escolas, participação de estudantes em seminários e colóquios acerca do ensino de filosofia, de filosofia da educação, ou, se podemos designar de modo mais abrangente, de educação filosófica.

Esse encontro tem se mostrado proveitoso para a formação inicial dos licenciandos, colocando-os em contato direto com a realidade da educação básica e permitindo, por meio de diálogo com os professores do nível médio e do nível superior, formular e propor experiências para serem realizadas com os estudantes da educação básica ou voltadas para eles. Para a escola, a interação dos licenciandos com estudantes e professores colabora na diversificação das atividades realizadas. O trabalho pedagógico, feito em equipe, tende a ganhar em consistência e despertar o interesse de alunos e alunas, que de modo geral se sentem gratificados por poderem participar também da experiência de formação dos licenciandos, compartilhando com eles a condição de estudantes. Esse trabalho em equipe também tem potencial para estimular e valorizar o trabalho do professor da escola, que pode aproveitar o contato para aprimorar sua prática e sua formação, desde que, é claro, tenha condições para isso em meio à rotina exaustiva, como costuma ser a dos profissionais da educação básica. Espera-se que também os professores universitários possam tirar proveito da experiência, ao mobilizarem seus conhecimentos acadêmicos e sua bagagem cultural para pensar questões relativas à formação e à educação filosóficas e para participar da proposição de modos de atuar nas escolas. Finalmente, o programa parece ser promissor ao contribuir com a educação de um modo geral, na medida em que induz a um maior entrelaçamento dos níveis básico e superior, os quais, por longos anos, e até mesmo décadas, mantiveram-se bastante distanciados.

A produção de professores e estudantes da Universidade Federal de Goiás, situada *entre* o ensino e a pesquisa, procurou orientar-se pela transformação da experiência em problematização. Trata-se de abordar as experiências diretas com a educação básica, no Colégio Estadual

Pré-Universitário, de Goiânia, de modo a não apenas dizer “o que se passou, mas o que nos aconteceu”. O chão da escola e seu caminho de pedras torna-se matéria de pensamento, por meio das problematizações elaboradas em relação com diversas referências, em sua maior parte autores e teorias filosóficas, mas também algumas literárias. Busca-se aí a confluência *entre* filosofia e formação.

Esta resenha aborda alguns dos temas presentes no livro, em vários de seus artigos, para tentar mostrar como são levantadas questões de relevância para o campo do ensino e da aprendizagem da filosofia – da educação filosófica, se podemos resumir assim. De certo modo, considere os textos do livro como compondo um pensamento coletivo, embora sabendo que há várias vozes e alguns conflitos se expressando ali. Em relação a minha própria experiência de professor no ensino médio e ideias sobre os temas, a leitura do livro me permitiu percorrer percursos e interrogar pontos relevantes para o ensino de filosofia. É interessante ver como um pensamento acadêmico se comporta e produz, quando se teve algum tempo da experiência de olhar para a universidade desde o ponto de vista da escola.

O primeiro movimento de aproximação entre pesquisa e ensino consiste em tomar a filosofia na escola como objeto de pensamento. Destacam-se, aí, alguns aspectos da atividade de ensinar filosofia no nível médio. Realiza-se, em vários sentidos ou por vários caminhos, uma aproximação da teoria e da formulação acadêmica com a questão do ensino básico. Nessa aproximação, depara-se com o caráter da filosofia como uma disciplina escolar, de modo “direto e pessoal”. Não se trata apenas do conhecimento acadêmico reunido, mas de uma seleção, uma abordagem e uma compreensão do que constitui essa área acadêmica, associada a diversas pressuposições sobre a juventude, a educação, o professor, a sociedade e a tradição. Deparar-se com a atividade de constituição e realização da filosofia como disciplina escolar significa acompanhar como ela se exerce e se constitui de modo multifacetado na escola e em outros níveis de ensino.

A filosofia profissional se exerce em sua maior parte pelo ensino e pela pesquisa, e o passado recente de pesquisa em filosofia na universidade brasileira, em muitos casos, distanciou-se ou não atribuiu valor à pesquisa e à prática da filosofia em um nível de ensino que não seja o superior. Deseja-se que essa situação já tenha se modificado pela mudança de perspectiva e

pela prática diversificada existente na academia. A filosofia institucional se diversifica de modo a fomentar aproximações efetivas entre os níveis médio e superior de ensino. A filosofia escolar e a filosofia universitária podem dialogar e podem trabalhar juntas no aperfeiçoamento da prática e da produção de ambas. Nesse contato *entre* os diversos níveis de ensino, de atividade e de pensamento, formulam-se as questões postas pelos artigos que compõem o livro.

Ressaltemos um tópico, o da compreensão que o professor de filosofia tem da própria filosofia. Esse tema aparece como uma necessidade imperiosa para a própria prática do professor – sem essa autocompreensão de si como filósofo e da filosofia como atividade própria, o professor não estaria autorizado a exercer sua profissão nem teria capacidade de fazê-lo. Em outro momento, a autocompreensão da filosofia volta-se para o movimento do pensamento, e, como nesse movimento avaliar é uma atividade essencial, necessária, parte do movimento de formação e transformação de si que é uma realização sempre inacabada. Avaliar *no* movimento do pensamento e não fixar-se em uma autocompreensão fechada, imune a críticas, suspeitas, desvios, a outros olhares, outras visadas.

Os textos abordam, em seu conjunto, a relação da filosofia com o fora, com o pensamento comum, com o outro pensamento, o não filosófico, a arte, a ciência, a leitura e a escrita. E apontam que é nessa relação que se constitui o pensamento genuíno. Em alguns casos, afirma-se a necessidade de uma relação exclusiva (como a formação que se dá apenas pela leitura dos clássicos), em outros se aponta para relações mais plurais, abertas, e para a tensão que lhes é imanente (quando a oposição entre as disciplinas é vista como condição para o diálogo entre elas).

Também se aborda a relação da filosofia com sua história. Estará a história da filosofia consagrada nos clássicos ou o filosofar só se realiza no diálogo e na relação com os outros? Será a história da filosofia desinteressante ou terá papel crucial na formação do filósofo? Uma questão que ressoa é: afinal, quem faz a história da filosofia? Não será ela feita na escrita filosófica, permanecendo, portanto, sempre aberta e reconstruída a cada vez que é grafada? A escola e a disciplina escolar da filosofia oferecem uma oportunidade para que os textos que consideramos clássicos sejam repensados. Por conta do contexto em que nos situamos, esse solo particular

que é o chão da escola, novas questões se levantam para a filosofia e a sua história. A cultura e seu movimento se realizam também nesse terreno, e a partir daí é possível construir outras perspectivas, realizar outras avaliações.

O que será uma prática genuína do pensar, que se oponha à administração da vida no biopoder? Um pensar transitivo, não pensar sobre algo, mas pensar acontecimentos, pensar menor, a alta dignidade do pensamento, questionar como a piedade do pensamento, a autenticidade da experiência do pensar; a filosofia não como objeto de erudição, mas como coisa pensada. O pensamento, ou a filosofia exercida como pensamento transitivo, pensar a vida – em vez de pensar sobre a vida, pairando sobre um mezanino imaginário –, ao se deparar com o poder, depara-se com a biopolítica e a governamentalidade presentes nas escolas.

Na relação do pensamento com a biopolítica, é importante atentar para os constrangimentos e as injunções que são feitas sobre as escolas e os professores – exames e avaliações feitos por burocratas, sem relação com o cotidiano e as particularidades de cada escola, sem nenhuma chance de participação dos professores; cobranças supostamente meritocráticas que premiam os que já têm boas condições de trabalho e punem os que estão em maiores dificuldades; a já tradicional e indesculpável desvalorização da carreira de professor, com péssimos salários, péssimas condições de trabalho, nenhuma condição de aperfeiçoamento, cobrança para sujeição a modos de trabalhar impostos de cima, do Banco Mundial e outras agências que querem avaliar a educação de fora para, torná-la apenas lucrativa, ou um instrumento para formar trabalhadores dóceis e produtivos. Essa política do capital, contrária à educação nos seus efeitos concretos, é o próprio império da técnica, a condição cultural e material de nosso tempo. A pergunta central da investigação biopolítica parece ser esta: “Até que ponto a dinâmica constituinte da economia política atual se mostra como um impedimento para uma prática genuína do pensar?” A atividade do professor de filosofia assume um trabalho a exercer-se contra a *Ge-stell*, a “com-posição” da técnica moderna: a disponibilização de todos os entes, a redução de suas relações aos vínculos de causa e efeito, a funcionalidade e a administração da vida.

Cabe a crítica e é relevante a explicitação dos vínculos entre as políticas educacionais e os interesses do mercado. A formulação de diretrizes curriculares em termos de competências e as grandes compras

de livros didáticos realizadas pelo Estado estão articuladas com a política de assujeitamento do trabalho e de controle da vida. Carece-se, porém, de uma análise ainda mais cuidadosa sobre o sentido das competências nas escolas, porque não se pode negar que o ensino médio tem uma ou várias crises. Várias questões que se colocam para a escola, como a integração das atividades e conteúdos das disciplinas; a diminuição da quantidade desses conteúdos em favor da qualidade e da proficiência deles; a aproximação entre ensino médio e “a vida”, envolvendo as dimensões do trabalho, da cultura, da ciência, da técnica; as políticas indutoras diretas e indiretas de orientações curriculares, como a publicação de documentos (diretrizes, parâmetros, orientações curriculares) e o programa do livro didático. Essas questões também não podem ser evitadas, mas é difícil realizar uma transformação curricular genuína, que não se reduza a uma variação do tempo de disciplinas que seguem trabalhando isoladamente. Assim como os aspectos positivos, produtivos e até empoderadores do livro didático precisam ser considerados, pois sua distribuição não significa obrigatoriedade exclusividade de uso, e o professor não valoriza a si mesmo quando se dispõe apenas a seguir o livro. Certa variedade de obras, selecionadas segundo critérios públicos enunciados em edital, não representa um pensamento oficial ao modo das restrições de publicação vigentes no século XIX. O professor também não pode abdicar de exercer uma mediação didática, mesmo quando propõe a leitura de textos clássicos. Assim, o texto didático ainda pode ser mais do que um comentário falseador do pensamento dos clássicos. A atividade do professor se realiza no tempo e contra o tempo.

Nessa atividade contra o tempo, surge o olhar de que a rejeição da escrita do tempo na forma jornalística, didática, mercadológica, deve ser rejeitada, combatida, em favor de uma outra leitura – não livre do mercado, porque os textos nos chegam pelo mercado, mesmo que pela internet –, uma leitura do tesouro guardado pelas academias, como monges que protegeram os textos por longos períodos de trevas. A preciosidade dos textos é reconhecida, mas não deveria impedir enxergar valor em outros textos, mais próximos de nossa constituição mais rude, que formou historicamente nossos corpos e nossos ambientes, com os quais podemos entrar em contato direto, pessoal e mais abrangente quando vamos à escola. O pensamento como atividade menor se realiza nesses desvios de um pensamento da

maioria, localizado em situações, como as inúmeras que se apresentam ao professor e aos estudantes. Nota-se que a descrição da experiência da relação entre cinema e filosofia, ou mesmo de pequenos textos de filosofia apresentados aos estudantes no nível médio, é incipiente. Mas ela apresenta traços que permitem seu desdobramento e novas experiências que venham a ser propostas. A ideia de uma leitura estética dos textos de filosofia é muito interessante, assim como a arte de ler e de interpretar textos, entendida em termos hermenêuticos, de aproximação, contraste e fusão de horizontes. Por que não fazer uma leitura estética dos livros didáticos e reconhecer neles uma forma? Mesmo que a forma seja moldada pelo mercado e pelo Estado, ela também bebe na tradição da filosofia, na experiência e na prática das salas de aula com jovens e adultos, constituindo um produto cultural que não é necessariamente nem exclusivamente deletério e negativo.

Ler o livro publicado por professores e estudantes da UFG nos permite realizar essa avaliação, com aspectos mais elaborados e outros mais iniciais, das possibilidades e dificuldades que a filosofia encontra na escola. Levantar essas questões e articulá-las para o debate e a experimentação de estudantes e professores é um grande mérito que um programa como o PIBID permitiu vir à luz. Que se cumprimente essa iniciativa de registro do trabalho realizado em forma de proposição de pensamento e de crítica, e, com ela, diversas outras que têm ocorrido nas universidades do país a partir do mesmo programa. Oxalá os professores que atuam no ensino médio encontrem também mais oportunidades para desenvolver sua prática e seu pensamento e possam construir um verdadeiro coletivo de atuações que não se reduzem a uma só, mas se constroem em diversos modos de associação e colaboram na construção da educação brasileira.

Estimulando a escrita do professor, que deve ser capaz de lidar com seus próprios erros como efeitos de formação e momentos da aprendizagem, a interpretação e a autointerpretação podem se constituir elementos de ação e transformação do mundo. A filosofia como uma escola de vida pode ser cuidar de si e do outro, e a escola pode ser uma oportunidade para a vida e a educação filosófica se expressarem e se transformarem. Que o pensamento e a ação de pensar possam abrir caminhos.